

Trimestral 1T/2016

Têxtil e Vestuário no Contexto Nacional e Internacional



cenit.

Ficha técnica

TÍTULO

Têxtil e Vestuário no Contexto Nacional e Internacional

Publicação Trimestral – Janeiro a Março/2016

PROPRIEDADE

CENIT – Centro de Inteligência Têxtil

COORDENAÇÃO GERAL

Manuel Teixeira

DATA DE EDIÇÃO

Julho de 2016

Índice

05	1. Introdução
07	2. Conjuntura económica global
07	2.1. Atividade económica
11	2.2. Preços e taxas de câmbio
13	2.3. Taxas de juro e mercados financeiros
16	2.4. Mercado de trabalho e custos do trabalho
17	2.5. Perspetivas para o futuro próximo
19	3. Comércio internacional de têxteis e vestuário
23	4. Têxtil e vestuário em Portugal
23	4.1. Evolução da atividade económica
24	4.2. Relevância do comércio internacional
28	4.3. Estrutura do comércio internacional

1. Introdução

O presente documento tem como intuito apresentar, de forma condensada e pragmática, informação relevante sobre a indústria têxtil e de vestuário (ITV) em termos de dinâmica trimestral, almejando contribuir para a definição e afinação adequada de estratégias de crescimento e de internacionalização das empresas portuguesas.

Para tal, coligiu-se e sistematizou-se um conjunto de dados estatísticos oficiais sobre a ITV no contexto nacional e no contexto internacional, sem deixar de conferir um enquadramento mais amplo, relativo à economia em geral.

Para além deste ponto introdutório, enquadrado no âmbito do Capítulo 1, o corrente documento estrutura-se em torno de três capítulos adicionais.

O Capítulo 2 é dedicado à apresentação, sintética, da evolução da conjuntura económica portuguesa, procedendo-se, sempre que oportuno, à sua comparação com a realidade internacional.

Por sua vez, o Capítulo 3 é dedicado ao contexto internacional, centrando-se, para o efeito, em dados do comércio mundial, num primeiro passo relativo à globalidade das mercadorias e, de seguida, relativo aos produtos da ITV.

Por fim, o Capítulo 4 centra-se na ITV portuguesa e, mais concretamente, nos seus fluxos de comércio mundial, apresentando-se aqui um maior nível de detalhe da informação,

























relativamente aos dois capítulos anteriores, quer do ponto de vista dos produtos que perfazem a ITV e do seu alinhamento com a especialização produtiva portuguesa, quer do ponto de vista dos indicadores analisados. Este último capítulo pretende, no fundo, constituir-se como uma base fiável e útil para a identificação de oportunidades para a internacionalização das empresas portuguesas da ITV.

Atendendo à periodicidade trimestral desta publicação, a apresentação da informação segundo este horizonte temporal de análise encontra-se patente, sendo que, para assegurar a maior uniformidade possível na leitura dos dados e indicadores apresentados, procurou-se dar um claro enfoque ao 1.º trimestre de 2016. De acordo com a natureza dos dados e indicadores selecionados, a análise é apresentada em termos homólogos e em cadeia.

As fontes de informação foram selecionadas com base na conjugação de dois critérios: grau de disponibilização de informação enquadrável com o horizonte temporal visado no estudo e credibilidade da informação fornecida. Neste sentido, destaca-se o recurso a dados e indicadores provenientes das seguintes fontes: Banco de Portugal (BdP), Banco Central Europeu (BCE), Comissão Europeia (CE), Energy Information Administration (EIA), European Money Markets Institute (EMMI), Eurostat, Instituto Nacional de Estatística (INE), International Trade Centre (ITC) e Office of Textiles and Apparel (OTEXA).

Painel de bordo (1.º trimestre de 2016)

Variações homólogas

Produto Interno Bruto	Indicador de sentimento económico	Indicador de atividade económica
 1,0 %	 0,3 %	 2,3 %
Produção industrial	Volume de negócios na indústria	Índice de preços no consumidor
 0,4 %	 2,7 %	 0,5 %
Índice de preços no produtor	Preço do Brent (USD/barril)	EUR/USD (média trimestre)
 3,3 %	 37,5 %	 2,2 %
EURIBOR a 3 meses	Yield das OT a 10 anos	Taxa juro em novas operações de crédito (< 1M€)
 0,23 p.p.	 0,74 p.p.	 1,01 p.p.
Taxa de desemprego	Custo do trabalho	Apreciação sobre a situação atual da economia
 1,3 p.p.	 0,2 %	 6,8 p.p.
Vendas nos próximos 3 meses	Exportações nos próximos 3 meses	Perspetivas sobre a evolução da economia
 2,5 p.p.	 5,8 p.p.	 3,4 p.p.
Exportações mundiais de mercadorias (dados provisórios)	Exportações mundiais têxteis e vestuário (dados provisórios)	Exportações portuguesas de mercadorias
 5,3 %	 2,0 %	 1,5 %
Importações portuguesas de mercadorias	Exportações portuguesas de têxteis e vestuário	Importações portuguesas de têxteis e vestuário
 1,0 %	 4,7 %	 1,9 %

2. Conjuntura económica global

2.1. Atividade económica

A economia portuguesa manteve, no 1.º trimestre de 2016, a trajetória de desaceleração, segundo os dados do Eurostat, registada desde o 3.º trimestre de 2015, diminuindo, em relação ao trimestre anterior, o crescimento do PIB para 1,0% no 1.º trimestre de 2016.

Em termos homólogos, no 1.º trimestre de 2016, destaca-se a quebra do investimento

O crescimento homólogo das exportações ficou abaixo do crescimento das importações

O indicador de sentimento económico revelou uma evolução negativa, após uma contração no trimestre transato

O indicador de atividade económica prosseguiu a trajetória descendente dos últimos trimestres

Os índices de volume de negócios nos serviços e no comércio revelaram uma evolução negativa, em comparação com o trimestre transato

O índice de preços no consumidor no 1.º trimestre de 2016 acelerou 0,5% face ao período homólogo

		1T/2014	2T/2014	3T/2014	4T/2014	1T/2015	2T/2015	3T/2015	4T/2015	1T/2016
Consumo privado	Portugal	2,3	1,9	2,9	2,1	2,8	3,4	2,1	1,9	2,5
	Zona Euro	0,6	0,6	0,8	1,1	1,7	1,8	1,9	1,7	2,0
Consumo público	Portugal	-0,4	-0,3	0,1	-1,1	-0,2	1,1	1,1	1,3	1,4
	Zona Euro	0,5	0,6	0,7	0,7	1,1	1,3	1,3	1,7	2,0
Investimento	Portugal	13,4	2,2	1,7	3,7	0,1	9,6	3,0	5,8	-2,1
	Zona Euro	5,6	3,9	1,7	2,3	1,5	0,5	2,3	4,7	2,4
Exportações	Portugal	4,5	3,1	3,8	6,0	7,7	7,6	5,6	3,7	3,7
	Zona Euro	3,8	3,8	4,8	5,3	7,2	7,3	5,8	5,0	2,5
Importações	Portugal	10,6	5,1	6,8	8,7	7,6	13,0	6,4	6,0	4,8
	Zona Euro	4,5	4,6	4,8	5,5	6,9	6,4	6,0	6,1	3,4

Fonte: Eurostat

Sistematiza-se, de seguida, um conjunto de dados sobre a atividade económica nacional, destacando-se, sempre que possível, o 1.º trimestre de 2016.

No 1.º trimestre de 2016, o Produto Interno Bruto (PIB) português apresentou um crescimento de 1,0% face ao mesmo período de 2015 (com base nos dados do Eurostat), desacelerando assim o ritmo de crescimento verificado no 4.º trimestre de 2015 (variação de 1,4%).

Conforme divulgado pelo INE, foi verificado um contributo negativo da procura externa líquida de 1,1 pontos percentuais (p.p.) para a

variação homóloga do PIB, igual ao observado no 4.º trimestre de 2015, verificando-se uma desaceleração das exportações de bens e serviços e das importações de bens e serviços. O contributo da procura interna foi de 2,0 p.p. inferior ao observado no trimestre anterior (2,4 p.p.) devido à redução do investimento, uma vez que o consumo privado acelerou e o consumo público manteve o ritmo de crescimento do trimestre anterior.

Relativamente ao 4.º trimestre de 2015, conforme divulgado pelo INE, o PIB no 1.º trimestre do ano registou uma taxa de variação em cadeia de 0,2% em termos reais (taxa idêntica à observada no trimestre anterior).

O contributo da procura interna foi positivo devido essencialmente ao crescimento do consumo privado, enquanto o contributo da procura externa líquida foi negativo, refletindo a redução das exportações de bens e serviços e o aumento das importações de bens e serviços.

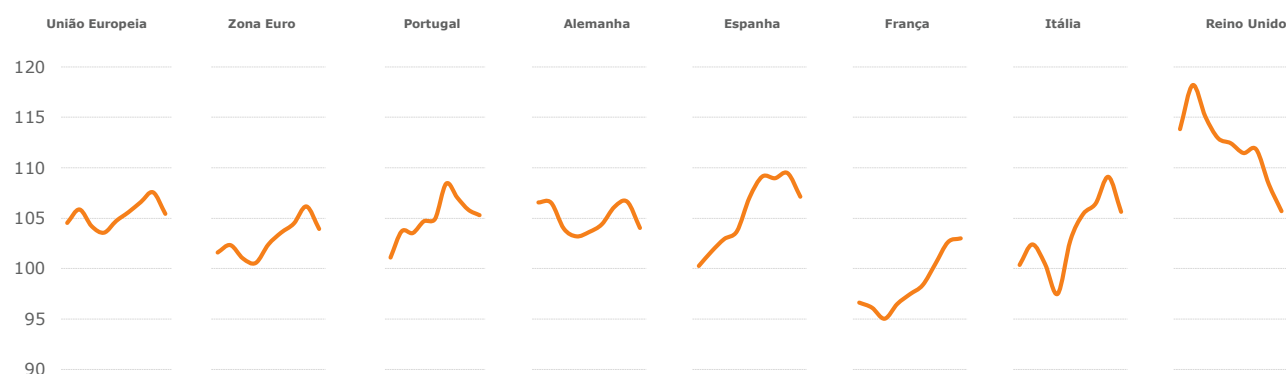
O indicador de sentimento económico da Comissão Europeia desceu ligeiramente para Portugal no 1.º trimestre de 2016, mantendo assim a evolução negativa em cadeia verificada desde o 3.º trimestre de 2015. Esta tendência na evolução em cadeia foi sentida na generalidade das economias em destaque, sendo a França a única exceção.

Países como a Alemanha e a Itália evidenciaram uma evolução semelhante

na variação em cadeia, tendo registado aumentos consecutivos desde o 1.º trimestre de 2015, seguidos de uma interrupção no 1.º trimestre de 2016. Des salientar que, a Espanha registou no 1.º trimestre do ano uma quebra em cadeia do sentimento económico, ao passo que a França manteve o crescimento em cadeia deste indicador desde o 4.º trimestre de 2014.

De referir também que o Reino Unido registou um andamento completamente distinto dos países mencionados anteriormente. O indicador de sentimento económico tem vindo a diminuir em cadeia desde o 3.º trimestre de 2014, apresentando uma pequena melhoria somente no 3.º trimestre de 2015 e retomando a tendência de queda logo no trimestre seguinte.

Evolução do indicador de sentimento económico: Portugal, Zona Euro, UE e principais economias europeias

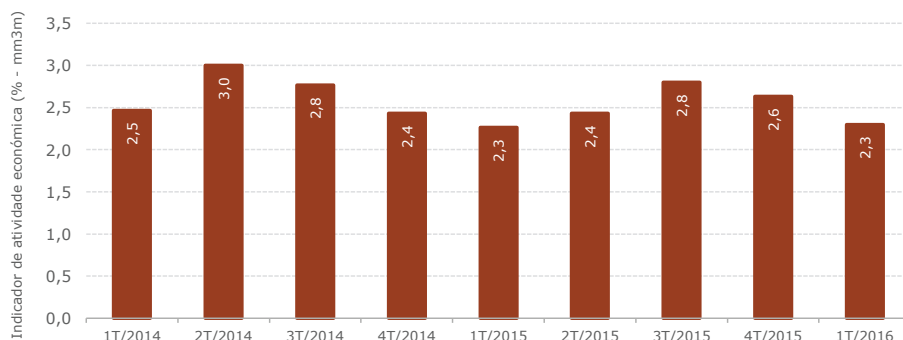


Fonte: Comissão Europeia

O indicador de atividade económica, que se encontrava relativamente estável entre o 4.º trimestre de 2014 e o 2.º trimestre de 2015 e apresentou uma evolução positiva de 0,4 p.p. no 3.º trimestre de 2015 face ao trimestre anterior

(posicionando-se, assim, nos 2,8%), iniciou deste então uma trajetória descendente, tendo terminado o 1.º trimestre de 2016 nos 2,3%, o que corresponde a uma variação praticamente nula face a igual período de 2015.

Evolução do indicador de atividade económica



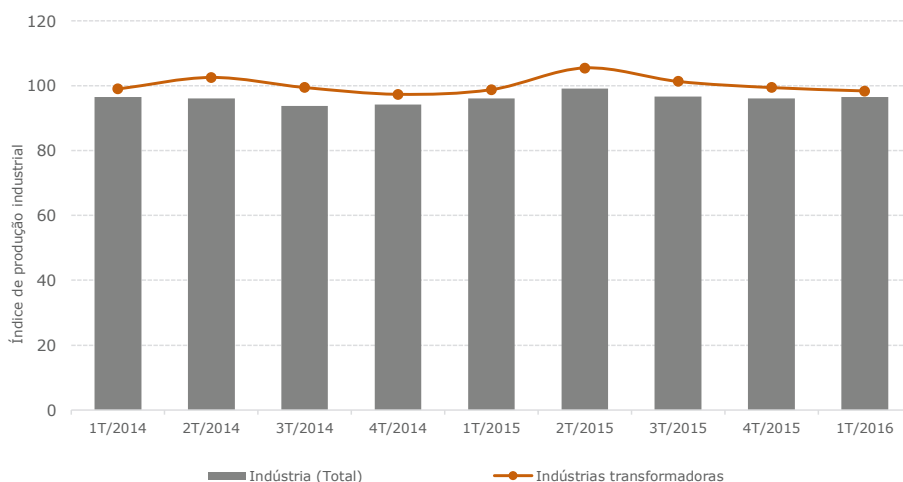
Fonte: INE

Após dois trimestres consecutivos com variações em cadeia negativas, o índice de produção industrial para o total da indústria portuguesa cresceu no 1.º trimestre de 2016, registando uma subida homóloga de 0,4%.

Por seu lado, o índice da indústria transformadora apenas registou uma evolução positiva em

cadeia nos dois primeiros trimestres de 2015, tendo desde a segunda metade do ano 2015 evidenciado uma evolução negativa. Em termos homólogos, no 1.º trimestre de 2016, o índice de produção industrial na indústria transformadora evidenciou uma quebra de 0,4%.

Evolução do índice de produção industrial

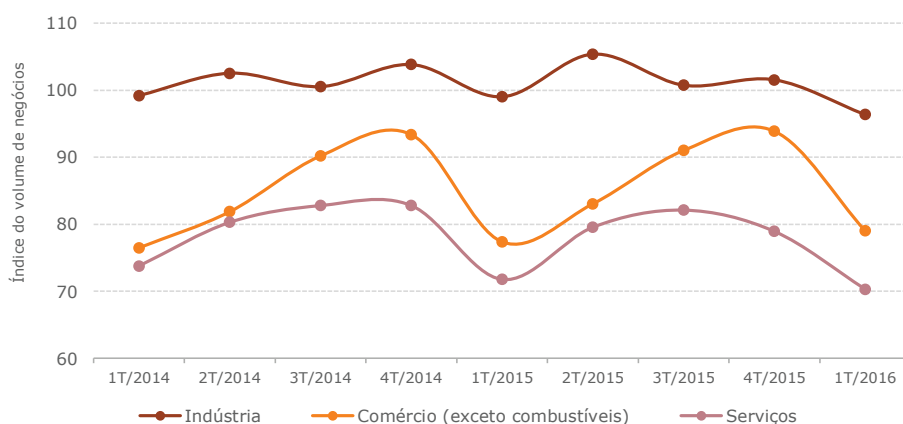


Fonte: INE

No tocante ao índice de volume de negócios, este indicador revelou uma tendência de evolução idêntica ao longo do período compreendido entre o 4.º trimestre de 2014 e o 2.º trimestre de 2015 entre os três grandes setores de atividade considerados (indústria, comércio e serviços), não obstante os valores superiores registados, sistematicamente, pela indústria.

Após este período, o cenário alterou-se, primeiro, com a queda do índice por parte da indústria e, depois, dos serviços e do comércio. No entanto, no 1.º trimestre de 2016 foi verificada uma quebra em cadeia no índice do volume de negócios dos três sectores em análise, com particular intensidade ao nível do comércio a retalho, mas de forma também intensa nos serviços e na indústria. Esta evolução negativa em cadeia encontra-se em linha com o registado no 1.º trimestre de 2015.

Evolução do índice do volume de negócios total por grandes setores de atividade



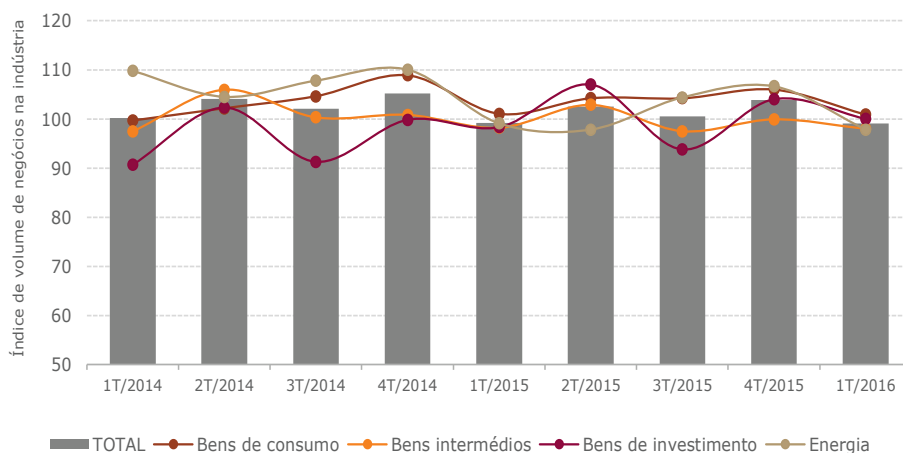
Fonte: INE

O índice de volume de negócios na indústria registou no 1.º trimestre de 2016 uma descida homóloga de 0,2%, para a qual contribuíram as descidas registadas ao nível da energia, dos bens de consumo e dos bens intermédios, tendo apenas os bens de investimento evidenciado uma evolução positiva. Os bens de consumo apresentaram um índice superior ao total da indústria ao longo de praticamente todo o período em análise (com a única exceção a ser verificada na 1.ª metade de 2014), tendo a sua tendência de crescimento acompanhado a dos restantes

tipos de bens em questão. Por outro lado, a energia, que nos quatro trimestres de 2014 registou índices de volume de negócios superiores aos do total da indústria, passou por uma fase de degradação dos mesmos, tendo evidenciado uma recuperação na 2.ª metade de 2015.

No 1.º trimestre de 2016, os bens de investimento registaram uma descida no seu índice de volume de negócios de cerca de 3,8% face ao trimestre anterior, enquanto os bens de consumo decresceram 4,8%.

Evolução do índice do volume de negócios total da indústria, por agrupamentos industriais



Fonte: INE

2.2. Preços e taxas de câmbio

Em termos homólogos, a taxa de inflação, medida quer pelo Índice de Preços no Consumidor (IPC) quer pelo Índice Harmonizado de Preços no Consumidor (IHPC), permaneceu praticamente inalterada entre o 4.º trimestre de 2015 e o 1.º trimestre de 2016.

Conforme a análise do INE, em março de 2016, a variação homóloga do IPC manteve-se em 0,4%. O indicador de inflação subjacente, correspondente ao índice total excluindo produtos alimentares não transformados e energéticos, registou uma variação homóloga de 1,0% (0,9% no mês anterior). A variação mensal do IPC foi de 1,9% (-0,4% em fevereiro de 2016 e 1,9% em março de 2015). A variação média dos últimos doze meses fixou-se em 0,6%.

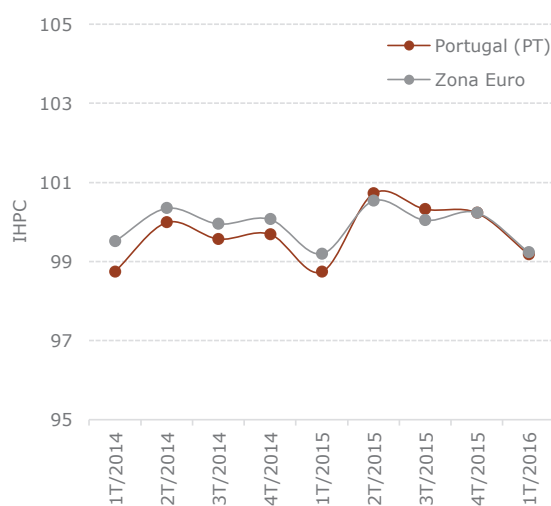
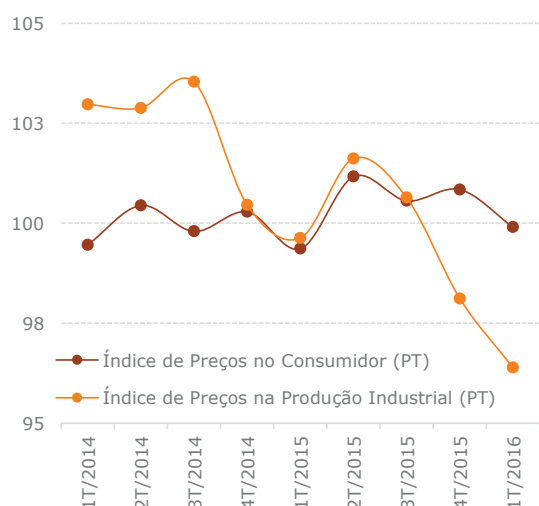
De acordo com o INE, o IHPC português registou uma variação homóloga de 0,5% em março, uma taxa superior em 0,3 p.p. à verificada no mês anterior e superior em 0,6 p.p. ao estimado pelo Eurostat para a Zona Euro (diferença superior em 0,2 p.p. à registada em fevereiro). A taxa de variação mensal

do IHPC situou-se em 2,2% (-0,5% no mês anterior e 1,9% em março de 2015) e a taxa de variação média dos últimos doze meses foi de 0,6% (valor igual ao registado em fevereiro).

Por seu lado, segundo o INE, a taxa de variação homóloga do Índice de Preços na Produção Industrial (IPPI) no 1.º trimestre de 2016, situou-se em -3,0% (variação de -3,4% no 4.º trimestre de 2015). O agrupamento de energia foi o que mais influenciou a variação do índice total no trimestre, com um contributo de -2,2 p.p. associado a uma taxa de variação homóloga de -8,6% (-11,4% no trimestre anterior). Neste trimestre, a secção das indústrias transformadoras apresentou uma taxa de variação homóloga de -3,4% (-3,9% no 4.º trimestre de 2015).

De referir que, a partir do 3.º trimestre de 2015, a diferença entre o IPC e o IPPI ampliou-se, com este último a fixar-se sistematicamente abaixo do primeiro, situação especialmente visível no 1.º trimestre de 2016.

Evolução do IPC e IPPI para Portugal e do IHPC para Portugal e para a Zona Euro



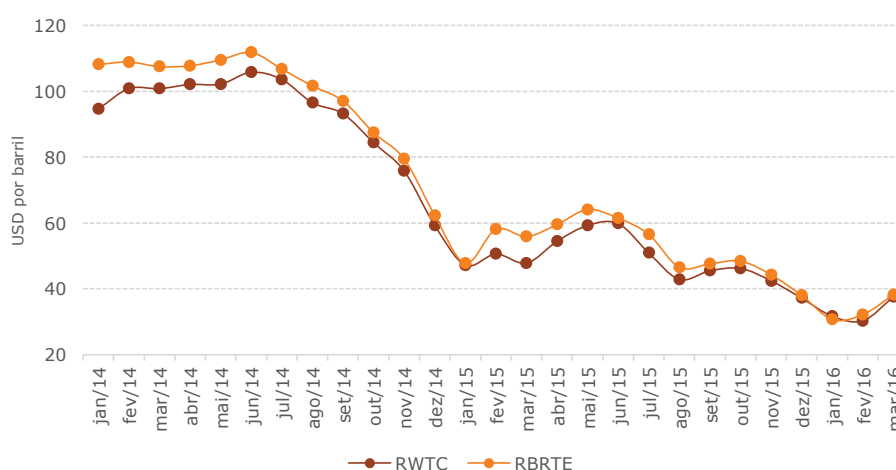
Fonte: INE e Eurostat

Tomando como referência o IHPC, o diferencial de inflação de Portugal em relação à Zona Euro tem vindo a diminuir, atingindo uma diferença marginal negativa de 0,06 pontos no 1.º trimestre de 2016.

Ao longo do período considerado nesta análise (janeiro de 2014 a março de 2016), o preço do brent alcançou um máximo de 111,8 dólares por

barril em junho de 2014, momento a partir do qual se observou a sua queda generalizada até janeiro de 2015. Durante o ano de 2015, o preço do brent oscilou entre os 64,1 dólares, registados em maio, e os 38,0 dólares observados em dezembro, fechando os doze meses com um preço médio de 52,4 dólares. Após uma quebra em janeiro de 2016, o preço do brent subiu até março, situando-se nos 38,2 dólares.

Evolução do preço do brent



Fonte: EIA

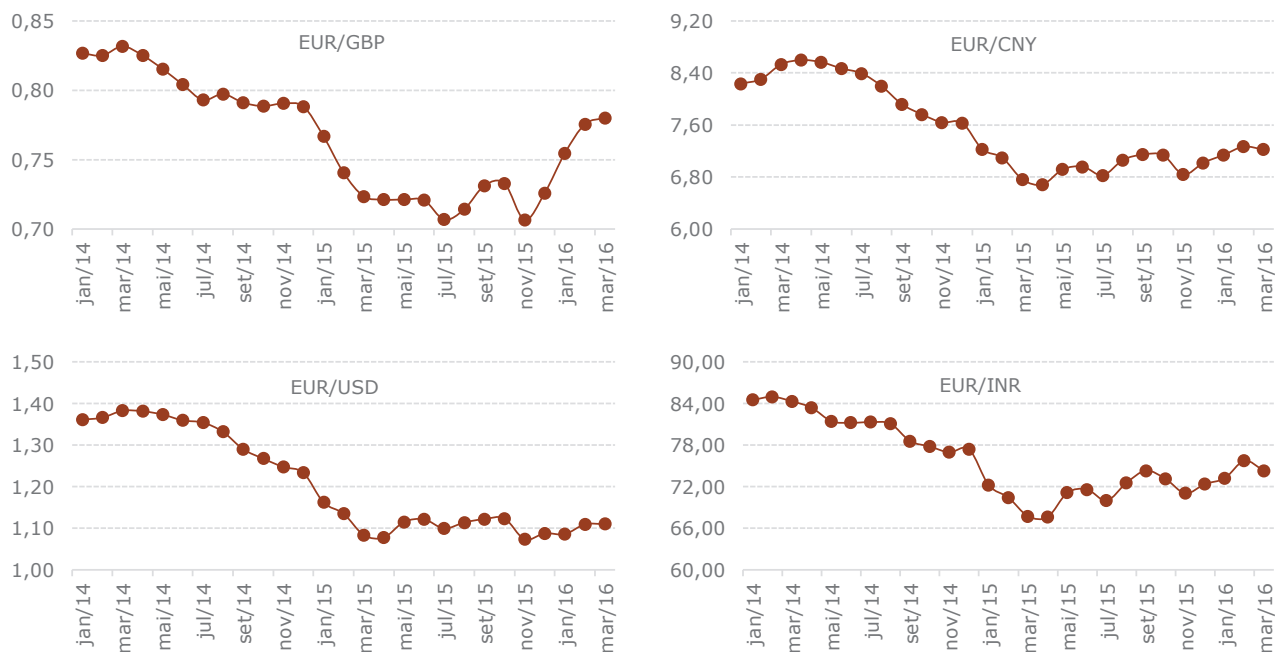
No tocante a taxas de câmbio, no 1.º trimestre de 2016, verificou-se um movimento de apreciação do euro face às moedas dos principais parceiros comerciais portugueses em produtos têxteis e de vestuário, com a única exceção a verificar-se no dólar americano.

Relativamente ao dólar, foi verificada no 1.º trimestre de 2016 uma descida homóloga de 2,2% na cotação média, uma variação que contrasta com a descida homóloga de 12,3% registada no trimestre anterior.

Com a libra, verificou-se uma acentuada apreciação do euro, com a moeda única a evoluir de uma quebra homóloga de 8,5% no trimestre anterior para uma subida de 3,6% no 1.º trimestre de 2016.

Relativamente ao yuan, o euro apreciou 2,6% na comparação homóloga no 1.º trimestre de 2016. No que se refere à rupia indiana, foi verificada uma apreciação homóloga de 6,1% do euro no trimestre em análise.

Evolução da taxa de câmbio do euro com as principais moedas de referência no comércio têxtil e vestuário



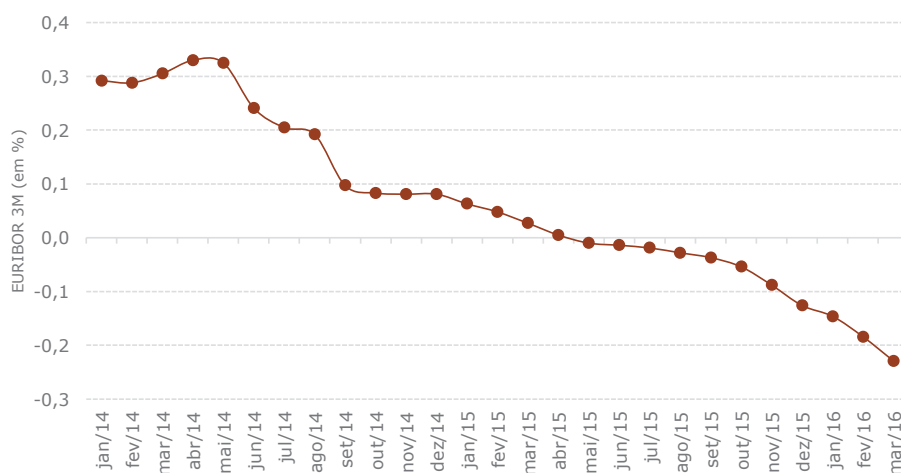
Fonte: Banco de Portugal

2.3. Taxas de juro e mercados financeiros

A Euribor a 3 meses, com valores negativos desde maio de 2015, não tem sofrido alterações substantivas, mantendo a tendência de queda ligeira. Com níveis

atualmente negativos, o cenário mais provável que se coloca a prazo é o de subida dos spreads, na tentativa de travar a descida da Euribor.

Evolução da taxa Euribor a 3 meses



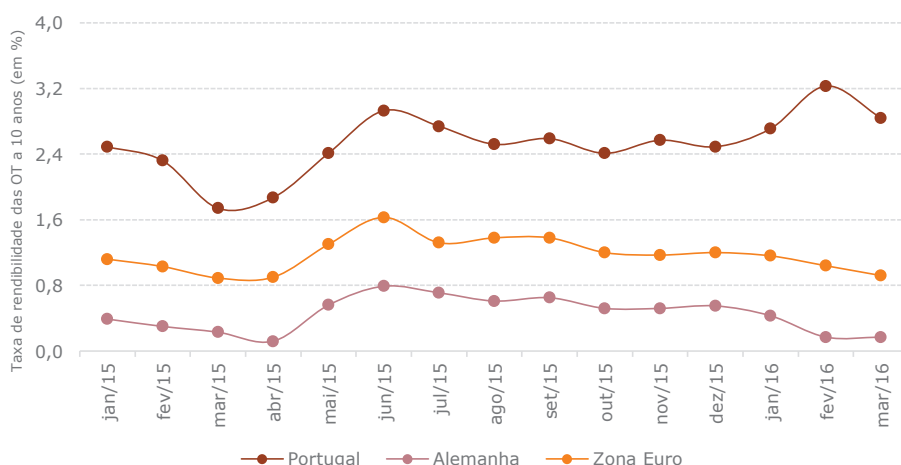
Fonte: EMMI

Em março de 2016, as yields das Obrigações do Tesouro (OT) português a 10 anos registaram um aumento de 1,10 p.p. face ao período homólogo, passando de 1,74% para 2,84%, o 2.º valor mais elevado que se registou no corrente ano. Efetivamente, as yields apresentaram dois dos três valores mais elevados, desde janeiro de 2015, no 1.º trimestre de 2016.

Por sua vez, as yields das OT alemãs registaram uma quebra pronunciada no final do 1.º trimestre de 2016, com uma descida homóloga de 0,06 p.p., fixando-se nos 0,17%.

Relativamente à Zona Euro, as yields apresentaram um andamento semelhante ao da Alemanha no 1.º trimestre de 2016, mas evidenciando taxas mais elevadas. De salientar, no entanto, que, no mês de março de 2016, as taxas na comparação homóloga ficaram acima das verificadas em igual período do ano anterior, registando-se uma subida de 0,03 p.p.. Considerando a análise desde janeiro de 2015, as yields da Zona Euro registaram o pico máximo em junho de 2015 (1,63%) e o mínimo em março de 2015 (0,89%).

Evolução da yield das OT a 10 anos



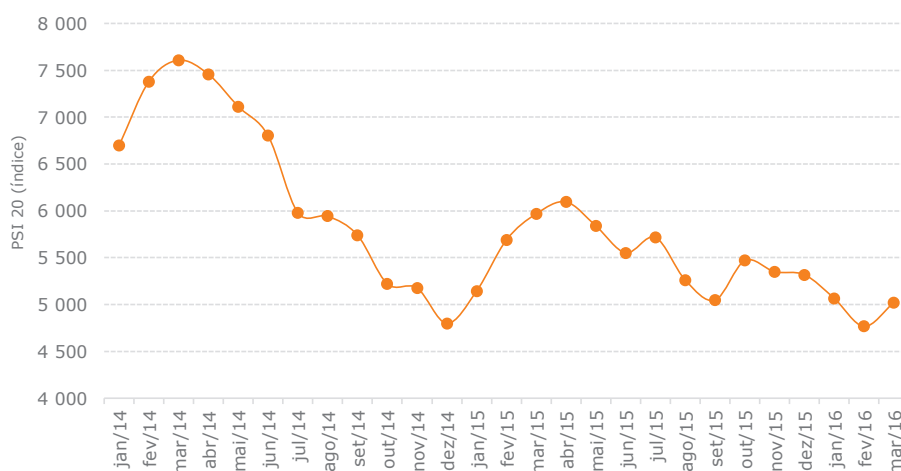
Fonte: Eurostat

O índice PSI20 evidenciou, na variação em cadeia, uma subida em março de 2016 (+5,3%), que surge após a quebra de 5,9% registada em fevereiro e a quebra de 4,7% verificada em janeiro. O índice encerrou o 1.º trimestre do ano de 2016 acumulando uma quebra de 0,9% desde o início do ano e uma

quebra que atinge os 15,9% em termos homólogos.

Ao longo do conjunto de 2016 (dados relativos ao fim do período), o índice evidenciou o valor mais elevado em janeiro (5.065,67 pontos) e o mais baixo em fevereiro (4.767,28 pontos).

Evolução do mercado de capitais nacional (PSI20)



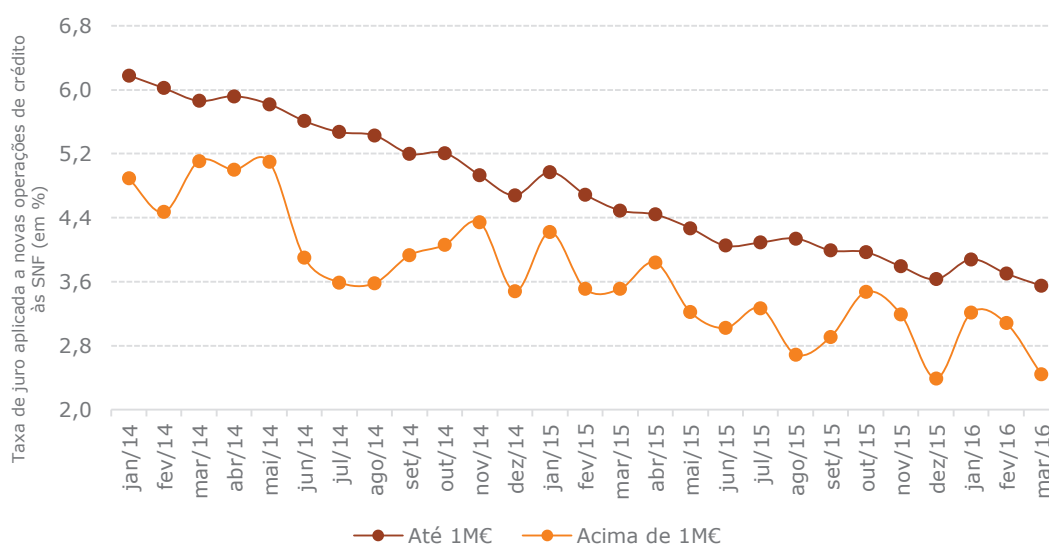
Nota: os dados do PSI20 referem-se ao fim do período.

Fonte: Banco de Portugal

Em março de 2016 a taxa de juro média dos novos empréstimos concedidos a Sociedades Não Financeiras (SNF) até 1 milhão de euros foi de 3,55%, o que corresponde a uma diminuição de 0,9 p.p. face ao período homólogo e de 0,2 p.p. em relação ao mês anterior.

Quanto aos empréstimos superiores a 1 milhão de euros, a sua tendência não foi tão linear, tendo registado vários picos e cavas ao longo do período em análise. Ainda assim, com referência a março de 2016 (taxa de juro posicionou-se nos 2,44%), as taxas de juro destes empréstimos registaram uma diminuição homóloga de 1,1 p.p. e uma diminuição em cadeia de 0,6 p.p..

Evolução das taxas de juro aplicadas a novas operações de crédito às SNF



Fonte: Banco de Portugal

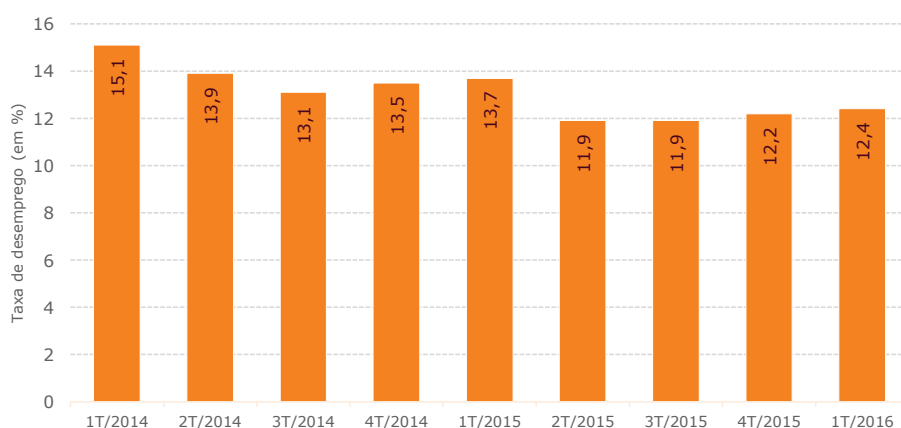
2.4. Mercado de trabalho e custos do trabalho

A taxa de desemprego em Portugal situou-se em 12,4% no 1.º trimestre de 2016, evidenciando, assim, uma tendência de subida, à semelhança do que se tem verificado desde o 2.º trimestre de 2015. No entanto, o resultado obtido revela uma melhoria face a igual período do ano anterior. Esta evolução reflete uma subida de 0,2 p.p. em cadeia e uma redução de 1,3 p.p. quando considerada a variação homóloga.

Conforme referido na análise do INE, a população desempregada, estimada em 640,2

mil pessoas, registou um aumento trimestral de 1,0% (mais 6,3 mil pessoas) e uma diminuição homóloga de 10,2% (menos 72,7 mil pessoas). A população empregada, estimada em 4.513,3 mil pessoas, verificou um decréscimo trimestral de 1,1% (menos 48,2 mil pessoas) e um acréscimo homólogo de 0,8% (mais 36,2 mil pessoas). A taxa de atividade da população em idade ativa situou-se em 58,1%, valor inferior ao observado no trimestre anterior em 0,5 p.p. e ao do trimestre homólogo em 0,4 p.p..

Evolução da taxa de desemprego em Portugal



Fonte: INE

O Índice do Custo de Trabalho (ICT) em Portugal (dados do Eurostat), no 1.º trimestre de 2016, registou um crescimento homólogo de 0,2%. De referir que, na evolução em cadeia, o índice diminuiu 0,3%. O índice posicionou-se nos 100,8 pontos (ano base 2012).

Este crescimento é menos acentuado do que o registado em período homólogo de 2015, no qual verificou-se um incremento de 2,1% no ICT em Portugal, quando comparado com

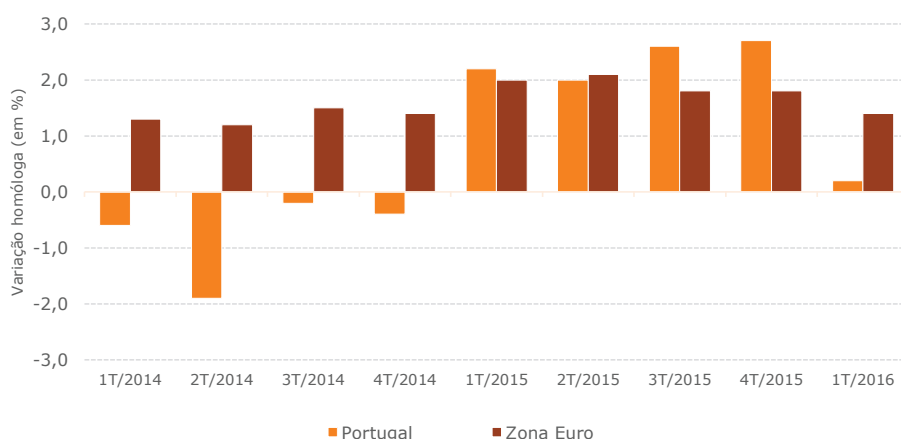
igual período de 2014. De referir que o ICT em Portugal tem revelado, sistematicamente, valores inferiores aos da Zona Euro.

De acordo com o INE e considerando os valores ajustados de dias úteis, no 1.º trimestre de 2016, o ICT registou um acréscimo homólogo de 0,5%, no 1.º trimestre de 2016. No trimestre anterior tinha sido observado um acréscimo homólogo de 2,2%. As duas principais componentes dos custos do trabalho são os

custos salariais e os outros custos (por hora efetivamente trabalhada). Os custos salariais aumentaram 0,6%, em relação ao mesmo período do ano anterior, e os outros custos aumentaram 0,3%.

Por sua vez, o ICT na Zona Euro apresentou uma taxa de variação homóloga de 1,4%, enquanto a taxa de variação em cadeia foi de 0,4%, ficando este indicador posicionado nos 105,5 pontos no 1.º trimestre do ano.

Evolução do índice do custo do trabalho em Portugal e na Zona Euro



Fonte: Eurostat

2.5. Perspetivas para o futuro próximo

As perspetivas avançadas pelos empresários face ao futuro próximo têm evoluído de forma moderadamente favorável nas últimas inquirições do INE. No que respeita ao volume de vendas, no 1.º trimestre de 2016, as perspetivas no comércio em geral revelaram-se positivas, contrariando a tendência negativa do trimestre anterior.

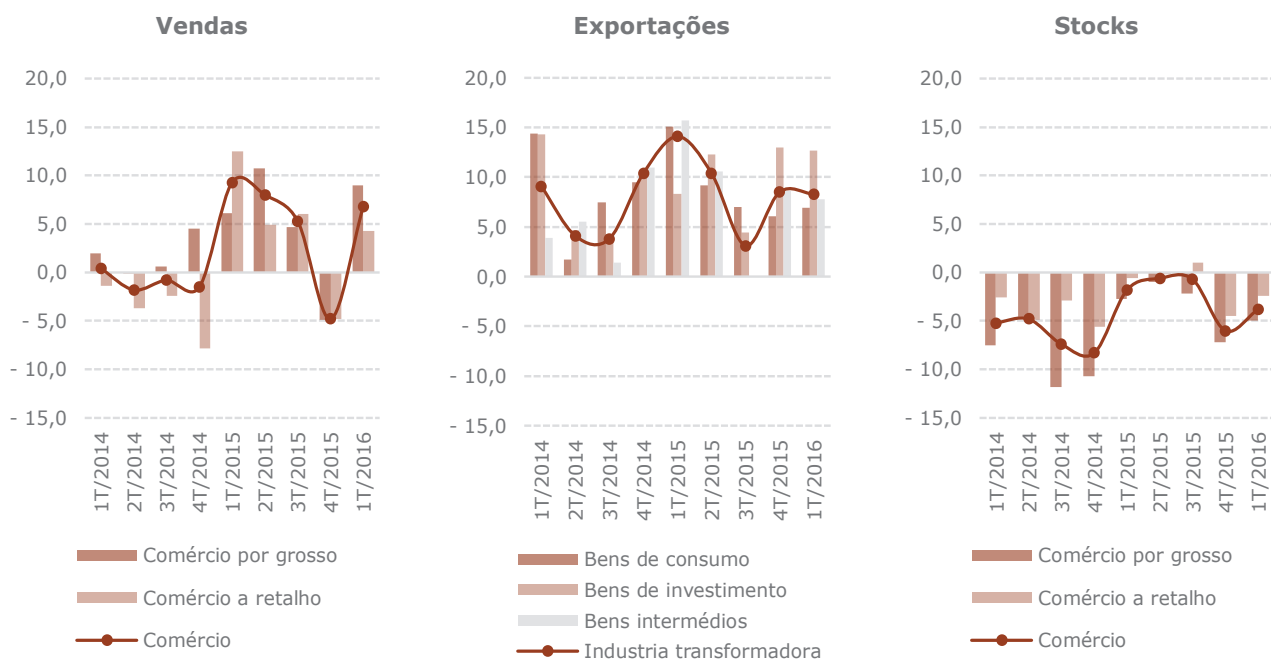
No caso das exportações, a confiança do tecido empresarial permaneceu praticamente inalterada no 1.º trimestre de 2016, impulsionada principalmente pelos bens de consumo, cuja perspetiva aumentou, mas também pelos bens de investimento e

intermédios, que mantiveram a perspetiva positiva.

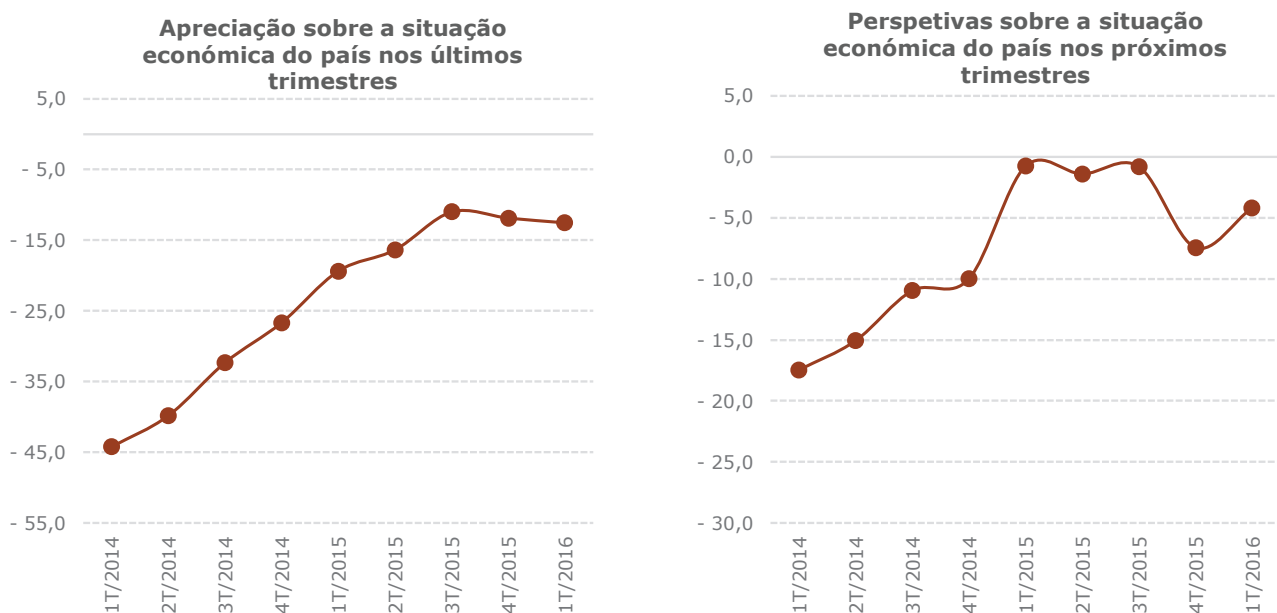
Por seu turno, no 1.º trimestre de 2016, as empresas perspetivam no futuro próximo uma diminuição do nível de existências, quer no comércio por grosso, quer no comércio a retalho.

No que concerne à evolução geral da economia, a apreciação das entidades empresariais tem piorado nos últimos trimestres (permanecendo negativa), enquanto as perspetivas sobre a situação económica em geral foram menos negativas no 1.º trimestre de 2016.

Perspetivas sobre o volume de vendas, exportações e stocks nos próximos trimestres



Avaliação da situação económica atual e futura do país

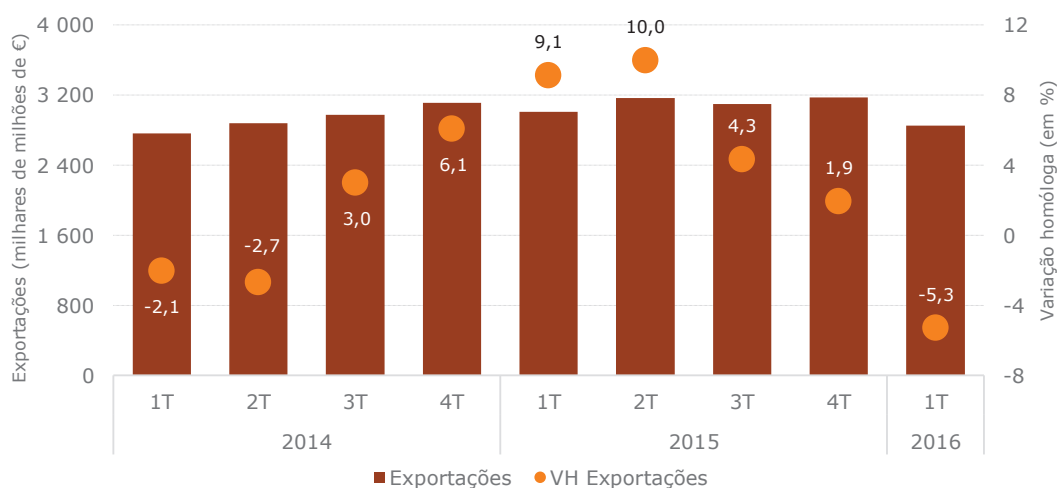


3. Comércio internacional de têxteis e vestuário

No 1.º trimestre de 2016, as exportações mundiais de mercadorias registaram uma variação negativa de 5,3% em relação ao período homólogo, acelerando assim a tendência de contração das trocas internacionais e contrariando o crescimento que vinha sendo verificado desde o 3.º trimestre de 2014 (com base nos dados preliminares disponíveis no ITC).

Considerando este desempenho fortemente negativo no conjunto do 1.º trimestre do ano, poderá ficar em causa, no conjunto do ano de 2016, o crescimento do comércio internacional, algo que não acontece desde 2009, na sequência dos fortes efeitos da crise económica e financeira de 2007/2008, iniciada no mercado do sub-prime norte americano.

Evolução do comércio mundial de mercadorias



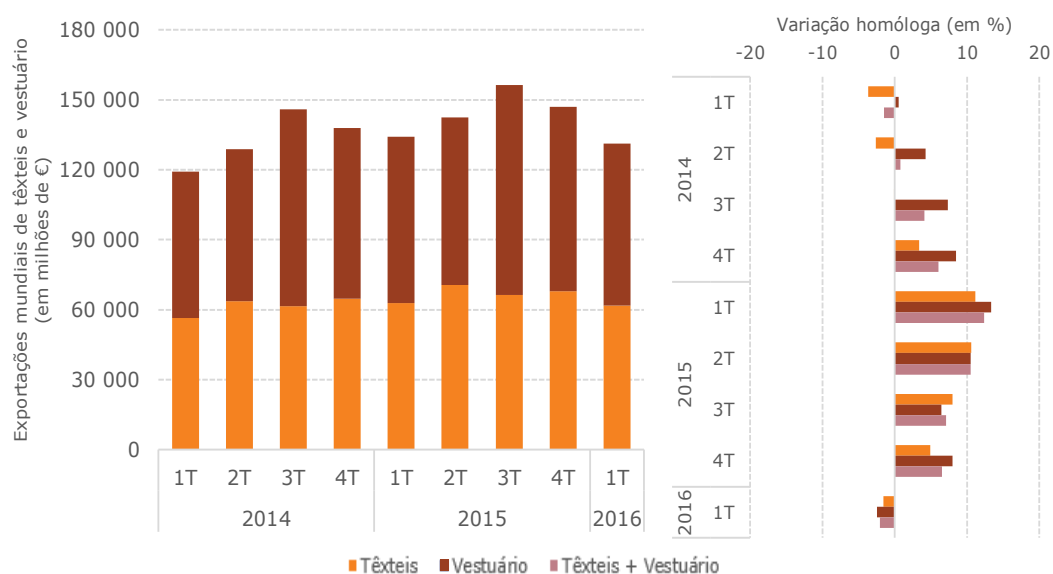
Nota: Considerados apenas os países com dados trimestrais nos últimos 3 anos: entre 2013 e 2016 (estes países representam mais de 90% das exportações mundiais).

Fonte: ITC

No respeitante a têxteis e vestuário, no conjunto do 1.º trimestre de 2016, as exportações destes produtos representaram 4,6% do total das exportações mundiais de mercadorias. Em termos homólogos e considerando os dados preliminares disponíveis no ITC, as

exportações mundiais de têxteis e vestuário registaram uma variação negativa de 2,0%, tendo sido a categoria de vestuário a que mais influenciou este resultado (quebra homóloga de 2,4%), com as exportações de têxteis a caírem 1,6%.

Evolução do comércio mundial de produtos de têxtil e vestuário



Nota: valores em milhões de €.

Fonte: ITC

Na UE, no 1.º trimestre de 2016, a Alemanha e a Itália foram os principais países exportadores de têxteis e vestuário, os quais, no seu conjunto, representam 35% das exportações comunitárias. De salientar que, nos dois casos, foi registada uma variação homóloga positiva, com as exportações a crescerem 1,7% na Alemanha e 0,8% na Itália.

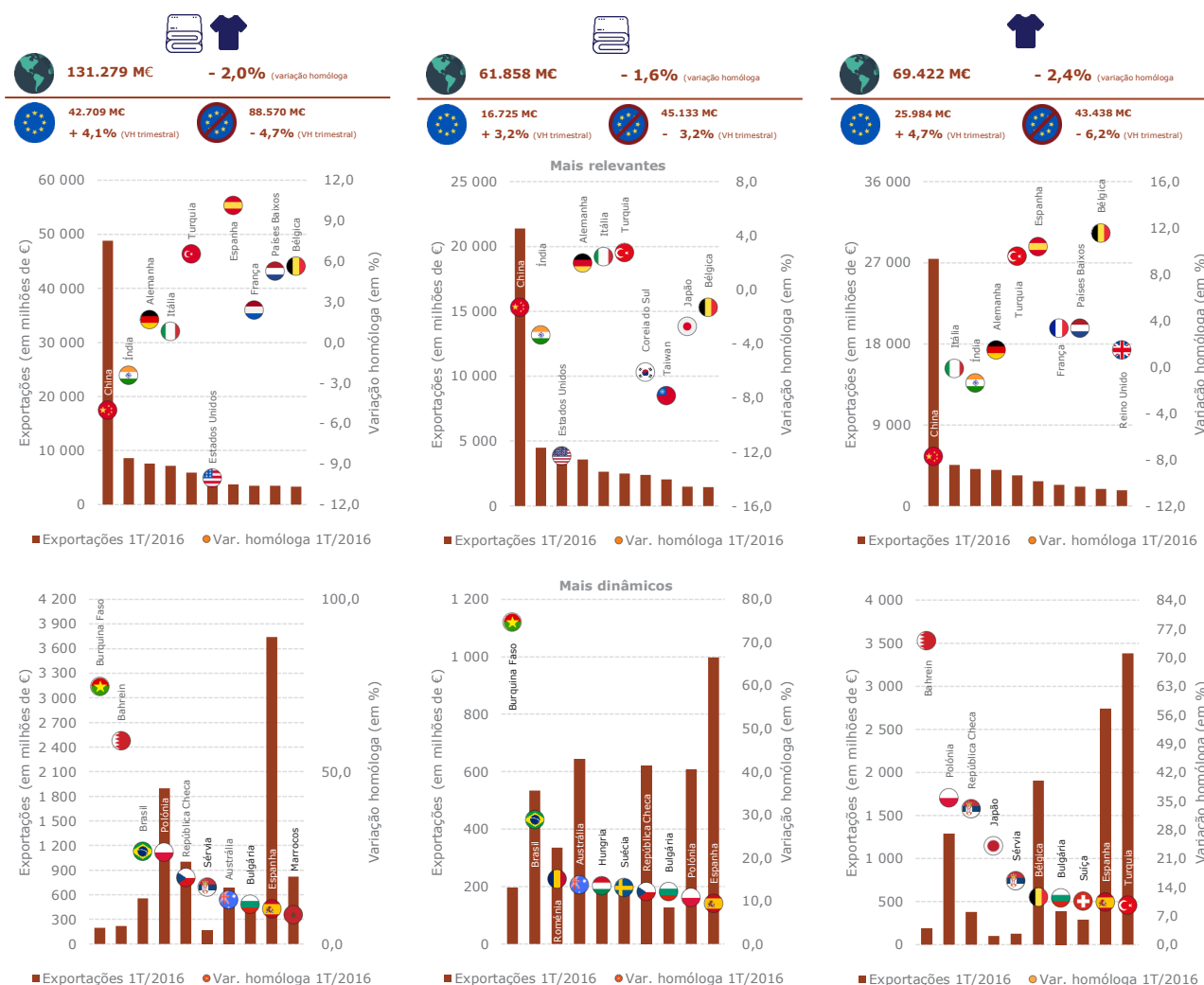
Alargando o espectro para o mundo, a China ocupa o lugar de liderança enquanto principal exportador de têxteis e vestuário (quota de 37%), apesar da quebra registada no valor das suas exportações face ao período homólogo (descida de 5,0%).

No âmbito da análise dinâmica e considerando os exportadores mais relevantes (com exportações no trimestre superiores a 100 milhões de euros), o Burquina Faso foi o país que mais cresceu face ao trimestre homólogo (+74,6%). No âmbito desta análise, de destacar também a Polónia, a República Checa e a Espanha, entre os países mais dinâmicos no 1.º trimestre de 2016.

Nos produtos têxteis, em termos de relevância, são a China, a Índia, os Estados Unidos e a Alemanha, os países que mais se destacam nas exportações, respondendo em conjunto por uma quota mundial de 54%. Em termos de dinâmica, são o Burquina Faso, o Brasil e a Roménia, os países que ocupam as primeiras posições. Importa realçar ainda a dinâmica no trimestre em análise da Espanha, dada a sua relevância no mercado internacional.

Por sua vez, do lado das exportações de artigos de vestuário, a China continua a liderar o ranking dos exportadores mais relevantes, com um contributo de 40% do total das exportações, embora tenha registado uma contração face ao mesmo período do ano anterior (quebra de 7,8%). Em termos dinâmicos, o destaque vai para o Bahrein, a Polónia, a República Checa e o Japão, sendo também de destacar a dinâmica conseguida por parte da Bélgica, da Espanha e da Turquia, entre os exportadores mais relevantes.

Exportadores mundiais de têxtil e vestuário com maior relevância e maior dinâmica



Nota: valores em milhões de €, na análise dinâmica é considerado o limite mínimo de 100M€.

Fonte: ITC

A UE tem um peso bastante considerável no total das importações de têxteis e vestuário mundiais, com uma quota de 45%, para a qual a Alemanha é o país que mais contribui (representa 20% das importações comunitárias), seguindo-se o Reino Unido (12%), a França (11%) e a Itália (10%).

Do ponto de vista mundial, são os Estados Unidos que lideram o ranking, com uma quota de 19% do total de importações, sendo também de destacar o Japão (6%) e a China (5%).

Em termos específicos dos produtos têxteis, as importações mundiais no 1.º trimestre de 2016 permaneceram sob o domínio dos Estados Unidos, da China e da Alemanha, que, no conjunto, foram responsáveis por uma quota de 30% das importações mundiais destes produtos.

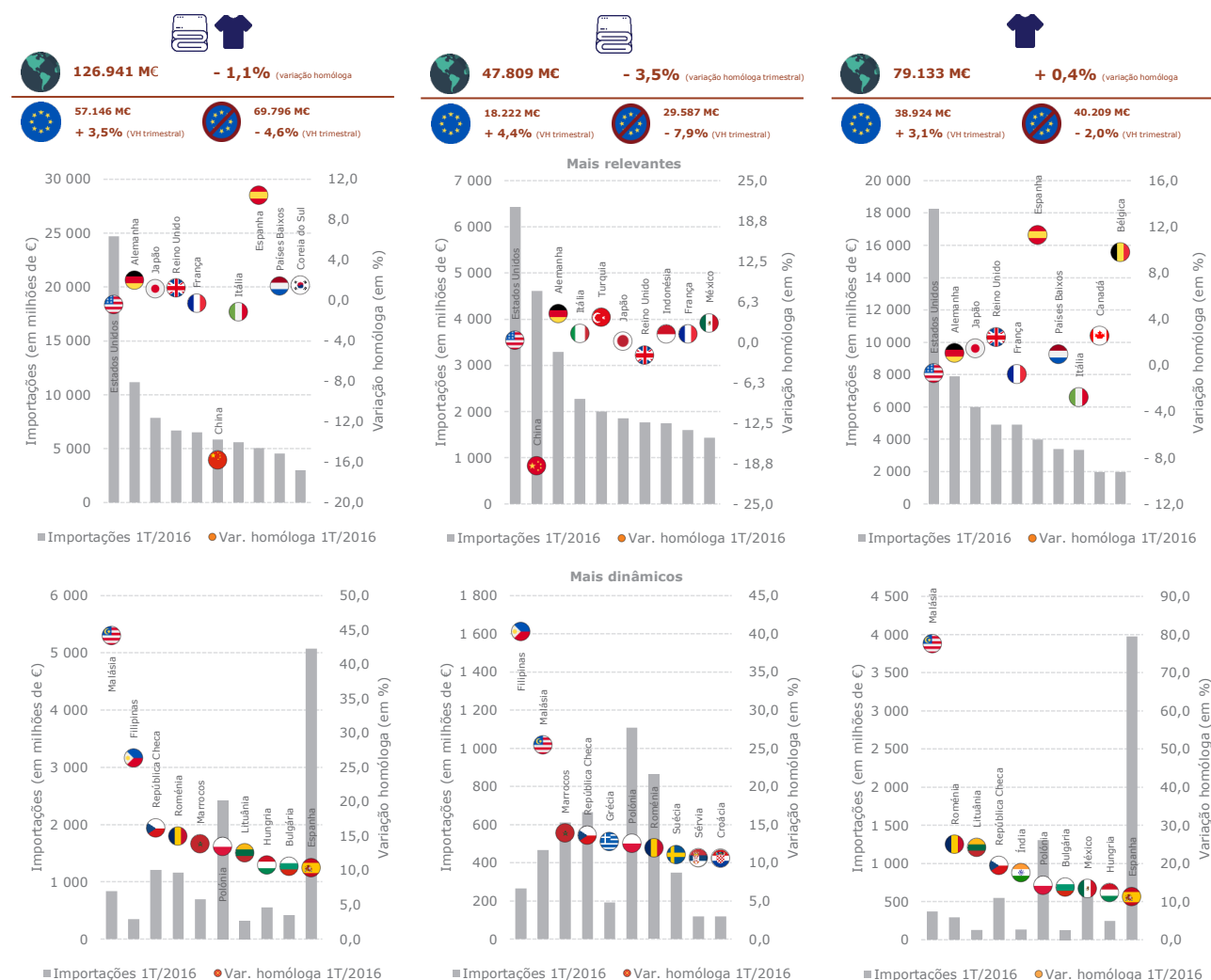
No âmbito dos produtos de vestuário, a China perde relevância, sem sequer surgir entre os dez principais importadores mundiais. Desta feita, os maiores importadores mundiais de vestuário no

1.º trimestre de 2016 foram os Estados Unidos, a Alemanha e o Japão, que concentraram 41% do total das importações do trimestre.

No que se refere ao crescimento das importações no 1.º trimestre de 2016 face ao mesmo período do ano anterior, no conjunto dos produtos de têxtil e vestuário, a Malásia foi o país que mais cresceu.

Concentrando a análise nos países de maior relevância, destaca-se a dinâmica registada por: República Checa, Roménia, Polónia e Espanha. No entanto, enquanto na República Checa, na Roménia e na Polónia, esta dinâmica decorreu das importações conjuntas de têxteis e de vestuário, na Espanha resultou fundamentalmente das importações de vestuário.

Importadores mundiais de têxtil e vestuário com maior relevância e maior dinâmica



Nota: valores em milhões de €, na análise dinâmica é considerado o limite mínimo de 100M€.

Fonte: ITC

4. Têxtil e vestuário em Portugal

4.1. Evolução da atividade económica

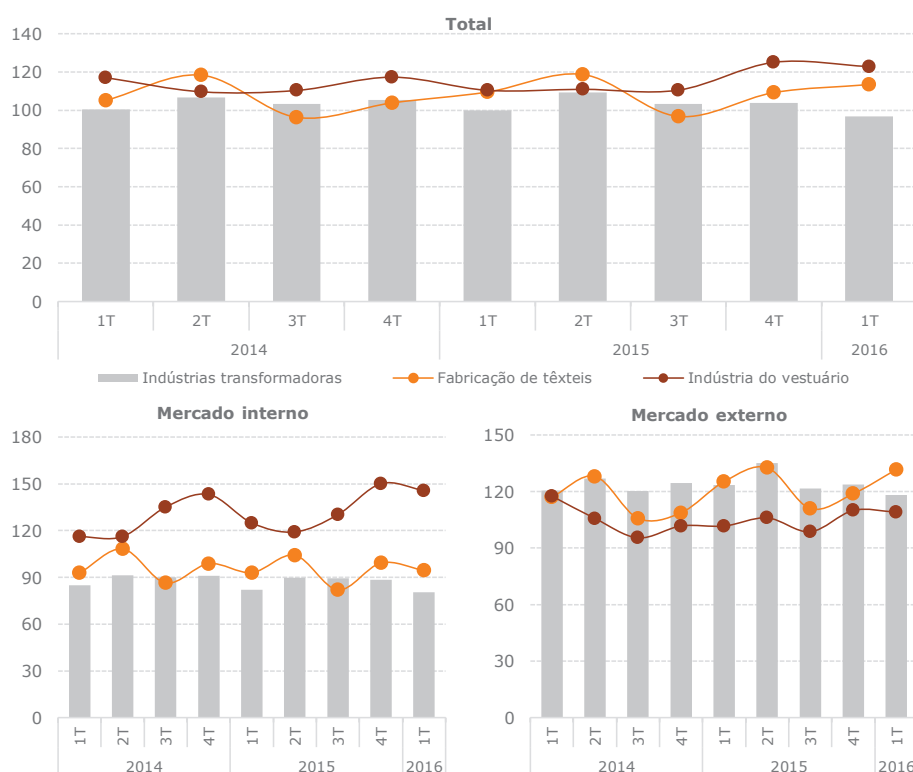
No 1.º trimestre de 2016, o índice de volume de negócios para o conjunto de todas as indústrias transformadoras foi de 96,8 pontos, estando, por conseguinte, abaixo do patamar registado em 2010, ano base para o cálculo dos valores índice, e abaixo do valor registado no período homólogo de 2015.

A indústria do vestuário tem apresentado continuamente índices de volume de negócios superiores aos da indústria transformadora. O mesmo não aconteceu no caso da indústria têxtil nacional, que em diversos trimestres apresentou valores inferiores aos da indústria transformadora.

Esta diferença pode justificar-se pelo melhor desempenho que a indústria do vestuário tem no mercado interno face ao ano base (2010). De facto, no trimestre em análise, a indústria do vestuário faturou perto de 46% acima do valor médio registado em 2010.

Já a fabricação de têxteis reforçou a sua orientação para o exterior, mantendo um nível de faturação nos mercados externos superior ao ano de 2010, perto de 32% acima na média do trimestre em análise. O 1.º trimestre de 2016 foi mais positivo para a indústria têxtil, em comparação com o anterior, resultado fundamentalmente de uma melhoria do desempenho no mercado externo.

Evolução do volume de negócios na indústria



Nota: Base = 2010; médias trimestrais.

Fonte: INE

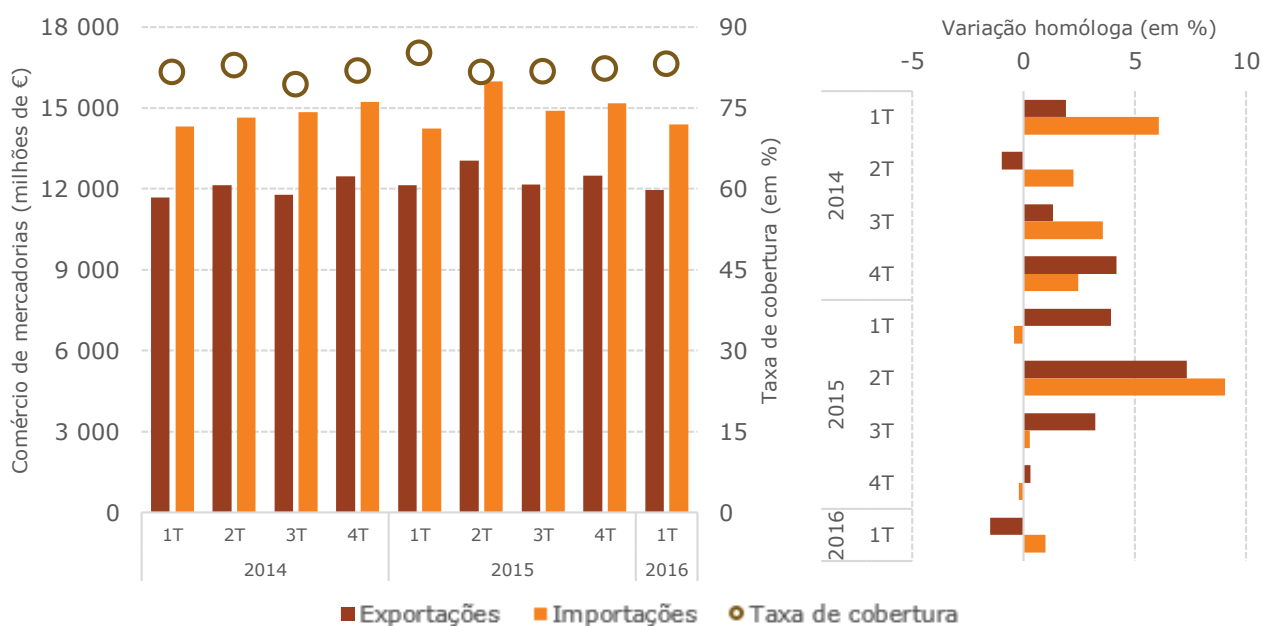
4.2. Relevância do comércio internacional

As exportações portuguesas de mercadorias no 1.º trimestre de 2016 foram de 12,0 mil milhões de euros, menos 4,3% do que no 4.º trimestre de 2015 e menos 1,5% face ao período homólogo de 2015. Por seu lado, também as importações apresentaram uma variação negativa em cadeia (descida de 5,2%), mas evoluíram positivamente em termos da comparação homóloga (crescimento de

1,0%), tendo atingido os 14,4 mil milhões de euros.

Apesar de a balança comercial ser deficitária no 1.º trimestre de 2016, evidenciou um desagravamento em relação ao trimestre anterior, no entanto, a diferença entre exportações e importações aumentou em comparação com o período homólogo, sendo registado um acréscimo de 15,3% neste indicador.

Evolução do comércio internacional português de mercadorias: exportações, importações e taxa de cobertura



Fonte: INE

A indústria têxtil e de vestuário, vista no seu conjunto, é um dos setores industriais em que Portugal apresenta claras vantagens comparativas reveladas e um bom posicionamento competitivo internacional, o que se deve muito ao contributo do saldo comercial dos produtos de vestuário.

No cômputo geral das exportações portuguesas de mercadorias, no 1.º trimestre de 2016, as exportações de produtos de têxtil e vestuário

responderam por 10,6% do total, com destaque para o vestuário, com uma quota de 6,6%.

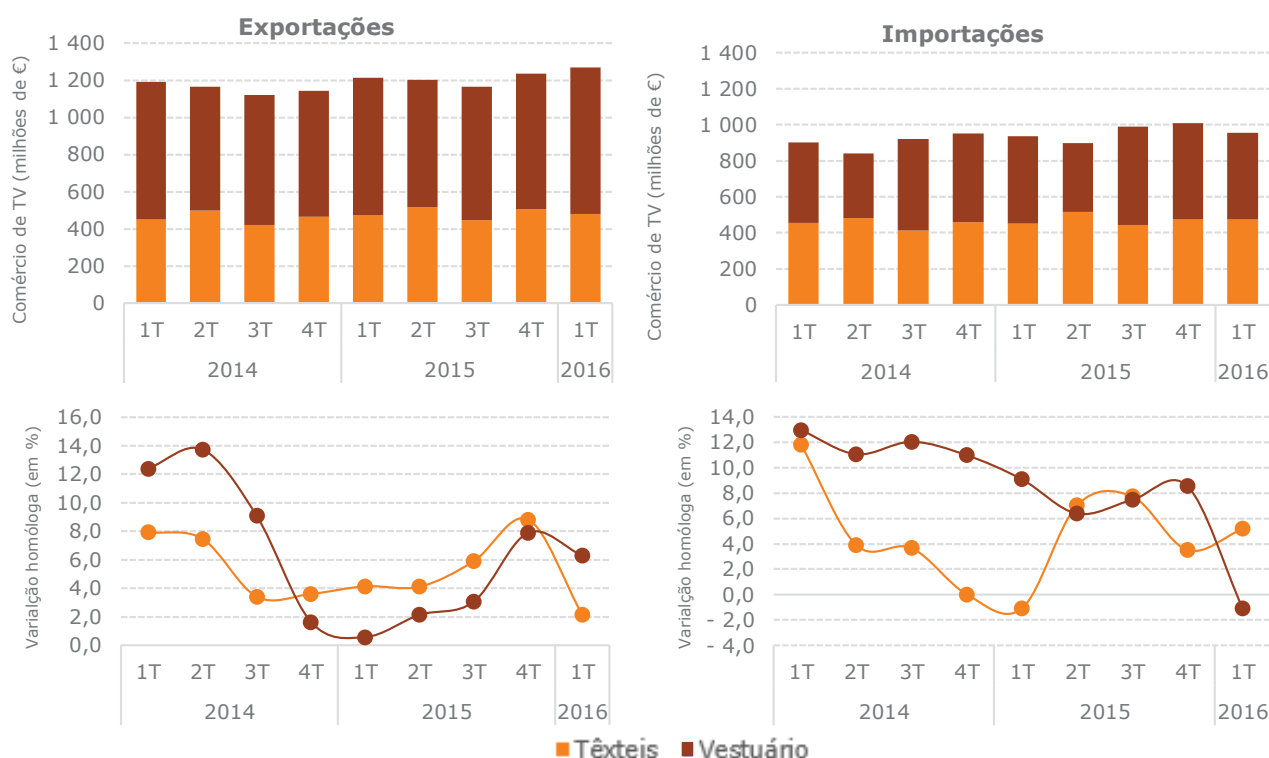
Face ao período homólogo, o valor das exportações de têxteis e vestuário registou uma subida de 4,7% no 1.º trimestre de 2016. Este resultado deve-se, sobretudo, ao aumento das vendas de vestuário (crescimento de 6,3%), com as exportações de têxteis a crescerem 2,1%.

Por seu lado, e para o mesmo período de análise, as

importações de têxteis e vestuário registaram uma variação homóloga positiva de 1,9%, consequência fundamentalmente da subida registada nas

importações de têxteis (crescimento de 5,2%), na medida em que as importações de vestuário evoluíram negativamente (descida de 1,1%).

Dinâmica e posicionamento do têxtil e vestuário no comércio internacional português



Fonte: INE

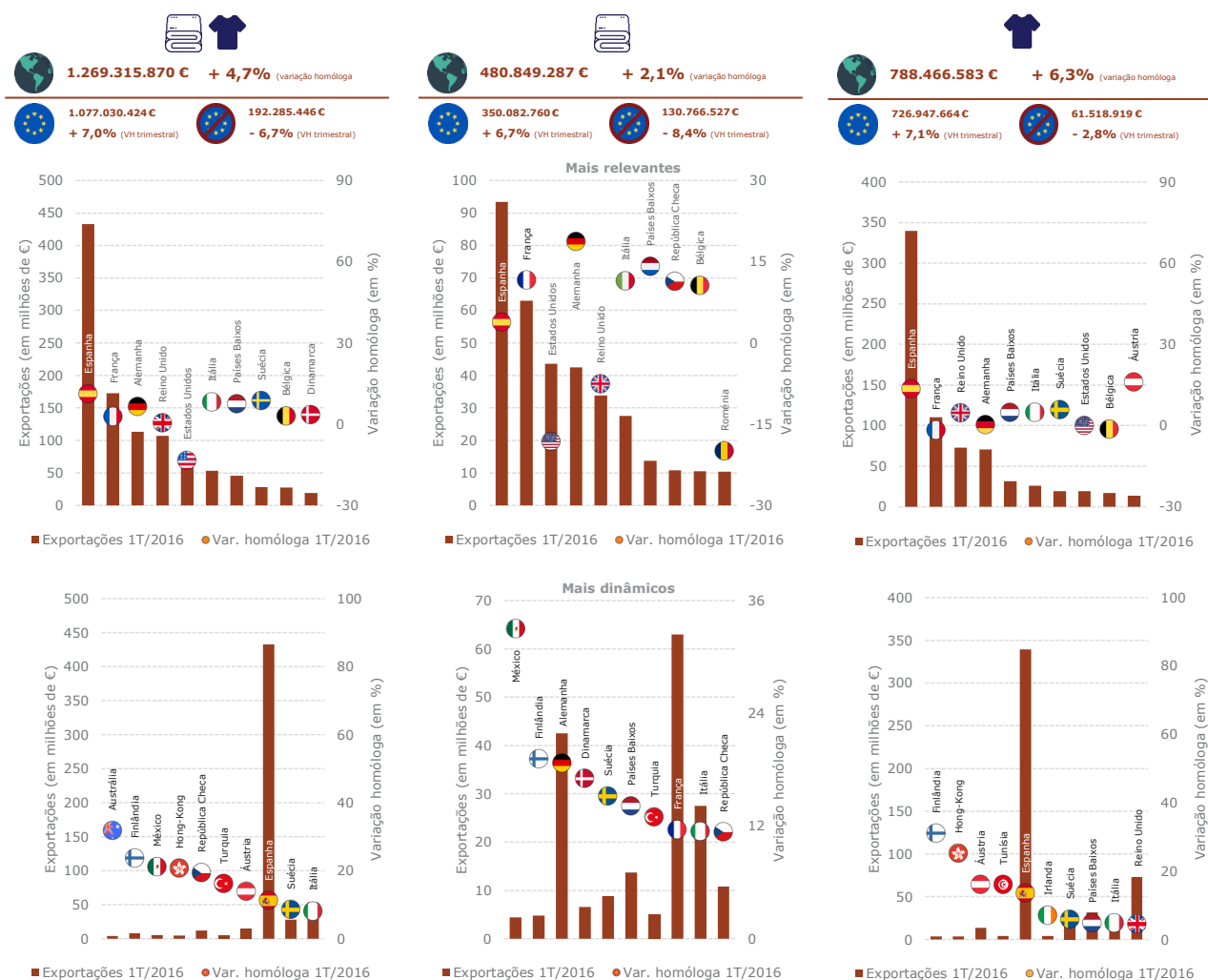
Os principais mercados de exportação de produtos de têxtil e vestuário portugueses seguem o padrão geográfico das exportações do total de mercadorias, isto é, uma forte orientação para o comércio intracomunitário (85% do total no 1.º trimestre de 2016).

Espanha, França, Alemanha e Reino Unido, ocupam os lugares cimeiros do ranking de destinos de produtos de têxtil e vestuário portugueses no 1.º trimestre de 2016, cenário que se intensificou face ao período homólogo. Quando analisamos separadamente os dois agregados de produtos,

constata-se que os dois primeiros países integram o grupo de destino líder tanto das exportações de produtos têxteis (quota de mercado de 33%) como dos artigos de vestuário (quota de mercado de 57%).

Por outro lado, Austrália, Finlândia, México e Hong-Kong, são os países com maior crescimento entre os destinos das exportações portuguesas de têxteis e vestuário. Enquanto o México e a Finlândia se revestem de importância nas exportações de têxteis, na dinâmica das exportações de vestuário o destaque vai para a Finlândia e Hong-Kong.

Principais mercados de destino das exportações portuguesas dos produtos de têxtil e vestuário



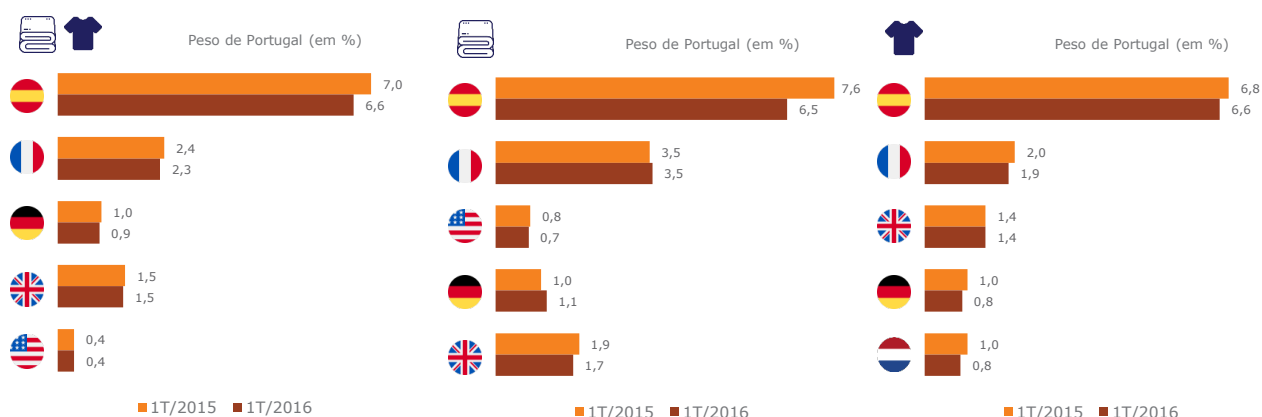
Nota: valores em milhões de €, na análise dinâmica é considerado o limite mínimo de 3M€.

Fonte: INE

Segundo os dados disponíveis para o 1.º trimestre de 2016, a Espanha é o país no qual Portugal apresenta uma quota mais significativa (6,6%). Esse posicionamento é ligeiramente mais forte quando consideradas apenas as exportações de produtos de vestuário (6,6%). Quando comparada com o valor registado no período homólogo, aquela quota revela

uma trajetória descendente no conjunto dos produtos de têxtil e vestuário. Na realidade, este é o único mercado onde Portugal deteve uma posição dominante no 1.º trimestre de 2016, cingindo-se a posicionamentos menos relevantes nos restantes mercados analisados, apenas ficando acima dos 3,5% das importações de produtos têxteis por parte da França.

Posicionamento e evolução de Portugal nos 5 mercados mais relevantes



Fonte: Eurostat e OTEXA

Tal como se verificou nas exportações, também as importações portuguesas de produtos de têxtil e vestuário têm como principal origem o mercado intracomunitário (77% do total no 1.º trimestre de 2016). Espanha, Itália, França e Alemanha, lideram o ranking, sendo de destacar a subida de 6,8% nas importações provenientes da Espanha. De salientar também a subida no valor das importações provenientes da Itália (crescimento de 5,9%) e da França (crescimento de 3,6%). Por outro lado, Bangladesh, Polónia e Índia, são os países que apresentaram o maior crescimento homólogo nas importações portuguesas de têxteis e vestuário.

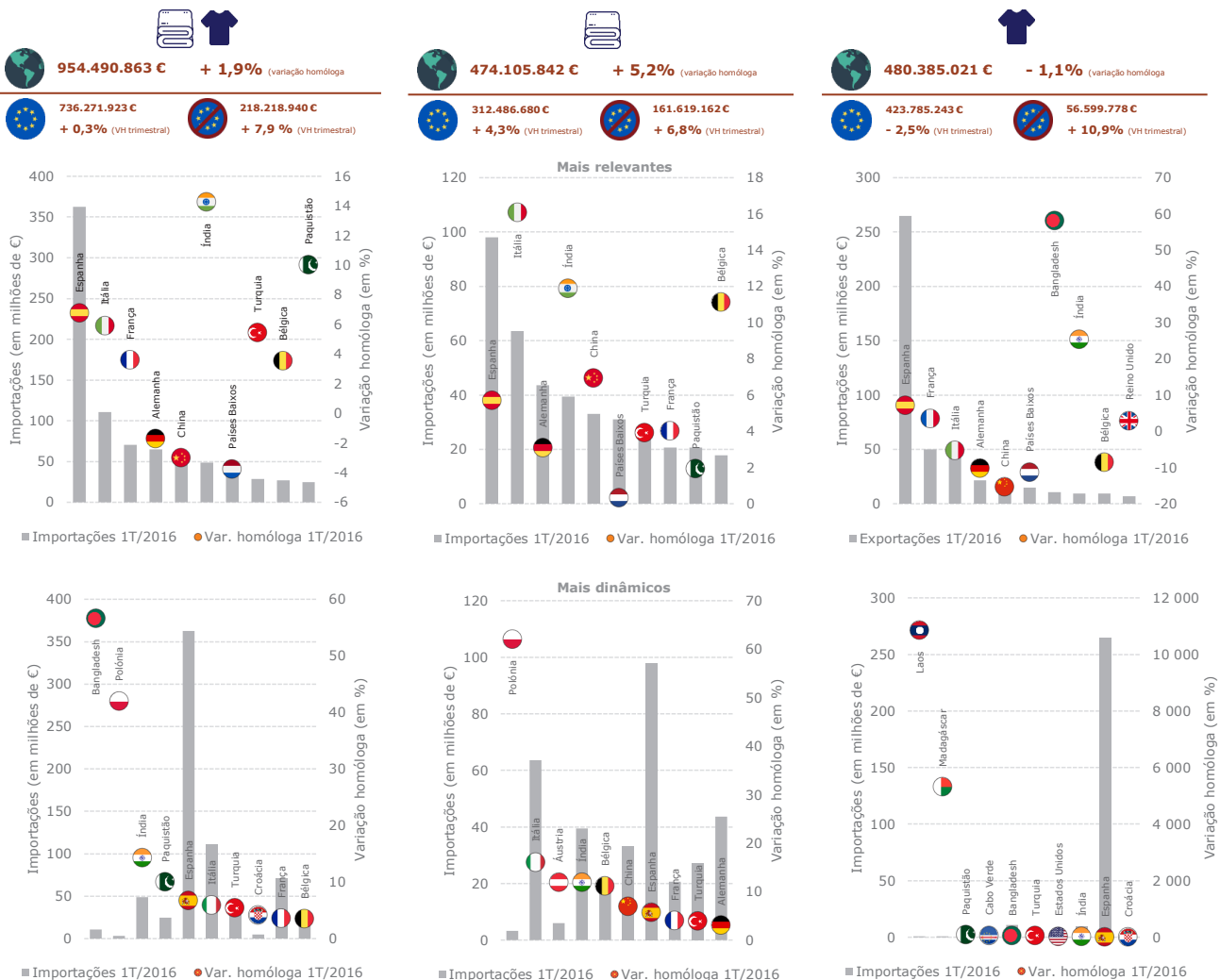
A dinâmica da Polónia destaca-se claramente nas importações de produtos têxteis, com uma variação de 62,1%. Em contrapartida, o Bangladesh merece destaque nas importações de vestuário, com um crescimento homólogo de 58,1%, sendo nestes produtos de destacar

também o caso do Paquistão (crescimento de 80,5%) e de Cabo Verde (crescimento de 58,2%). O padrão geográfico das importações de vestuário de “baixo custo” parece estar a alterar-se, com uma reorientação para países como o Bangladesh e a Índia, em detrimento dos produtos chineses.

Importa ainda realçar, no âmbito das importações de vestuário, as subidas homólogas verificadas nas importações provenientes da Espanha (crescimento de 7,2%) e da França (crescimento de 3,4%), bem como as quebras homólogas evidenciadas no caso da Itália (descida de 5,3%) e da Alemanha (descida de 10,2%).

Relativamente à dinâmica entre as principais origens extracomunitárias de produtos têxteis, o destaque vai para a Índia, com uma subida de 11,9%, seguida pela China (crescimento de 6,9%) e a Turquia (crescimento de 3,9%).

Principais mercados de origem das importações portuguesas de produtos de têxtil e vestuário



Nota: valores em milhões de €, na análise dinâmica são considerados os limites mínimos de: 3 M€ no têxtil e vestuário, 3 M€ no têxtil e 0,5 M€ no vestuário.

Fonte: INE

4.3. Estrutura do comércio internacional

Dada a especialização produtiva de Portugal, não é de estranhar que os grupos de produtos ligados ao vestuário sejam os que assumem os lugares cimeiros nos rankings das exportações de têxteis e vestuário. Apesar da forte dinâmica vivenciada no 1.º trimestre de 2016 pelas exportações de vestuário de malha (crescimento de 11% face ao período homólogo), foram as exportações de “fibras e tecidos de seda”, “tapetes e outros revestimentos para pavimentos” e “fibras, fios

e tecidos de algodão”, que maior crescimento registaram ao longo do trimestre em questão.

Ao nível das importações, o vestuário (principal produto) decresceu em termos homólogos agregados no 1.º trimestre de 2016, sendo de destacar pela positiva o crescimento homólogo registado no vestuário “de malha” (crescimento de 1%), enquanto o vestuário “exceto de malha” evoluiu negativamente (quebra próxima de 3%).

Estrutura das exportações portuguesas de têxtil e vestuário por grupo de produtos

61. Vestuário e seus acessórios de malha 530 856 893 € VH: ↑ 11% VHa: ↑ 11%	62. Vestuário e seus acessórios, excluindo malhas 257 609 690 € VH: ↓ 2% VHa: ↓ 2%
63. Outros artefactos têxteis confeccionados 142 243 570 € VH: = 0% VHa: = 0%	56. Pastas, feltros e cordoaria 64 306 379 € VH: ↓ 2% VHa: ↓ 2%
59. Tecidos impregnados e revestidos 57 026 397 € VH: ↑ 13% VHa: ↑ 13%	55. Fibras sintéticas ou artificiais, desc. 55 931 144 € VH: ↓ 12% VHa: ↓ 12%
52. Algodão (fibras, fios e tecidos) 39 686 227 € VH: ↑ 18% VHa: ↑ 18%	60. Tecidos de malha 36 931 406 € VH: ↑ 10% VHa: ↑ 10%
58. Tecidos especiais e tufados 27 243 582 € VH: ↑ 14% VHa: ↑ 14%	54. Filamentos sintéticos ou artificiais 21 546 041 € VH: ↓ 12% VHa: ↓ 12%
57. Tapetes e outros revestimentos 21 103 022 € VH: ↑ 19% VHa: ↑ 19%	51. Lã (fibras, fios e tecidos) 13 980 938 € VH: ↓ 6% VHa: ↓ 6%
53. Outras fibras vegetais (fibras, fios e tecidos) 783 548 € VH: ↓ 16% VHa: ↓ 16%	50. Seda (fios e tecidos) 67 033 € VH: ↑ 114% VHa: ↑ 114%

Estrutura das importações portuguesas de têxtil e vestuário por grupo de produtos

62. Vestuário e seus acessórios, excluindo malhas 251 121 708 € VH: ↓ 3% VHa: ↓ 3%	61. Vestuário e seus acessórios de malha 229 263 313 € VH: ↑ 1% VHa: ↑ 1%
52. Algodão (fibras, fios e tecidos) 129 508 824 € VH: ↑ 8% VHa: ↑ 8%	54. Filamentos sintéticos ou artificiais 88 230 187 € VH: ↑ 2% VHa: ↑ 2%
55. Fibras sintéticas ou artificiais, desc. 66 416 728 € VH: ↑ 1% VHa: ↑ 1%	63. Outros artefactos têxteis confeccionados 36 442 718 € VH: ↑ 1% VHa: ↑ 1%
59. Tecidos impregnados e revestidos 29 622 464 € VH: ↓ 2% VHa: ↓ 2%	60. Tecidos de malha 26 054 470 € VH: ↑ 9% VHa: ↑ 9%
51. Lã (fibras, fios e tecidos) 24 275 870 € VH: ↑ 4% VHa: ↑ 4%	56. Pastas, feltros e cordoaria 21 923 540 € VH: ↑ 3% VHa: ↑ 3%
53. Outras fibras vegetais (fibras, fios e tecidos) 17 043 876 € VH: ↑ 15% VHa: ↑ 15%	57. Tapetes e outros revestimentos 16 082 568 € VH: ↑ 11% VHa: ↑ 11%
58. Tecidos especiais e tufados 13 903 472 € VH: ↑ 16% VHa: ↑ 16%	50. Seda (fios e tecidos) 4 601 125 € VH: ↑ 38% VHa: ↑ 38%

Nota: VH - variação homóloga, VHa - variação homóloga acumulada.

Fonte: INE

No que se refere aos produtos de vestuário e seus acessórios, de malha (NC61), no 1.º trimestre de 2016 comparativamente ao mesmo período do ano anterior, Portugal conseguiu uma forte penetração em mercados em franca expansão, como: Lituânia, Tailândia, República Checa, Áustria, Malásia e Espanha, sendo de salientar a perda de relevância na Bélgica.

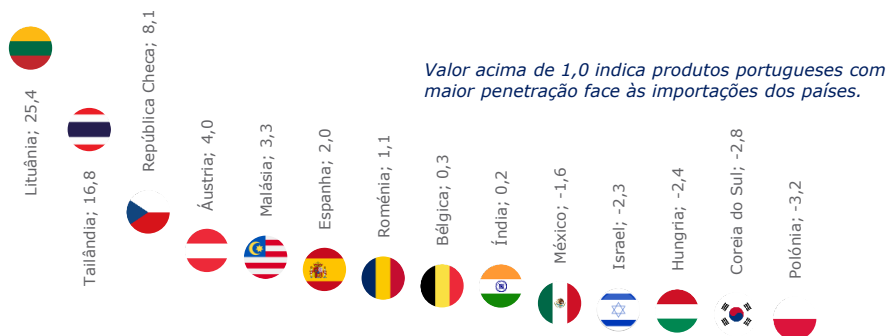
Relativamente aos artigos de vestuário exceto malha (NC62), a Argentina, a Lituânia, a Hungria, a Tailândia, a República Checa e a Polónia, foram mercados que, simultaneamente, registaram fortes crescimentos

e que se revelaram de grande interesse para as empresas portuguesas.

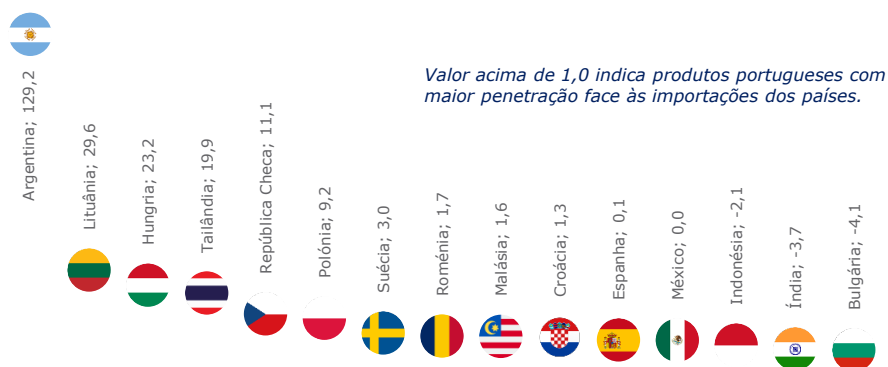
Nos “outros têxteis confeccionados” (NC63) o destaque vai para o desempenho das exportações destinadas a: Áustria, Alemanha, Roménia e Dinamarca. De referir, no entanto, que, dentro desta categoria de produtos, alguns mercados dinâmicos e relevantes no trimestre em análise registaram quebras acentuadas como destino das exportações portuguesas, tal é o caso da Bélgica, da Espanha, da Suíça, da Polónia, da Suécia e dos Países Baixos.

Grau de alinhamento entre a dinâmica das exportações portuguesas e a dinâmica das importações mundiais

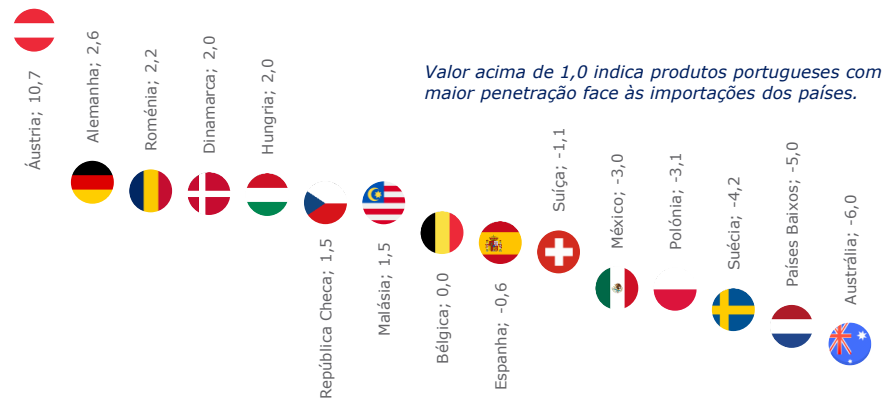
Penetração dos produtos portugueses por mercado
Vestuário e acessórios, de malha (NC61)



Penetração dos produtos portugueses por mercado
Vestuário e acessórios, exceto de malha (NC62)



Penetração dos produtos portugueses por mercado
Outros têxteis confeccionados (NC63)



Nota: consideraram-se os seguintes limites mínimos para as importações: 50M€.

Fonte: análise desenvolvida com base em dados do INE e do ITC

A informação contida nesta publicação foi obtida de fontes consideradas fiáveis, mas a sua precisão não pode ser totalmente garantida. O CENIT não se responsabiliza por qualquer perda, direta ou potencial, resultante da utilização desta publicação ou dos seus conteúdos. A reprodução de parte ou da totalidade desta publicação é permitida, sujeita a indicação da fonte.

CENIT – Centro de Inteligência Têxtil

E-mail: estudos@portugaltexil.com

Web: www.portugaltexil.com



www.portugaltexil.com
cenit@portugaltexil.com